

José Osmar
Fonteles

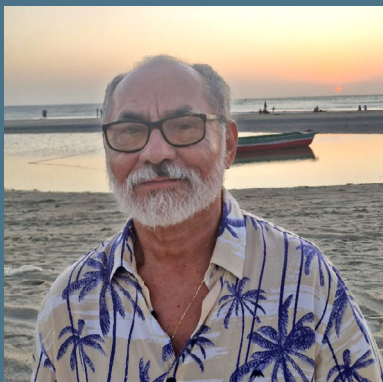
A EDUCAÇÃO pela PEDRA

Jericoacoara,
memória e
narração

Editora

**SER
TÃO
CULT**

10 anos



Sobre o autor

José Osmar Fonteles é pós-graduado em Gestão Universitária (FGV-SP) e Metodologia do Ensino Superior (UFC), mestre em Sociologia (UFPB) e doutor em Educação (UFPel).

É professor aposentado da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA-CE), onde foi diretor do Centro de Ciências Humanas, e do Centro de Ciências da Educação e Pró-Reitor de Extensão.

Coordenou o Núcleo de Educação Popular (NEP/UVA), o Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET/UVA) e os programas: Educação Ambiental no Ensino Formal, Agentes Alfabetizadores do Estado do Ceará e Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA).

Participou do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Narrativas, Arte e Subjetividade (GIPNALS/FAE/UFPel).

Na gestão pública, coordenou o turismo em Sobral – CE, chefiou o Parque Nacional de Jericoacoara – CE e foi Secretário de Turismo e Meio Ambiente do município de Jijoca de Jericoacoara.

Foi membro do Conselho Estadual do Meio Ambiente do Ceará (COEMA) e do Conselho Gestor da APA da Lagoa de Jijoca – CE.

Sua produção acadêmica está centrada nos campos de estudos em meio ambiente, turismo e educação. É autor dos livros Jericoacoara turismo e sociedade e Turismo e impactos socioambientais. Coautor dos livros Olhares sobre o Norte do Ceará: a contribuição das Ciências Sociais e A Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e sua Inserção Socioterritorial no Noroeste Cearense. Organizador do livro Territórios e Territorialidades: democratizando saberes e boas práticas em políticas públicas. Autor de artigos em revistas acadêmicas em âmbito local, regional, nacional e internacional.

CV: <https://lattes.cnpq.br/5330044270021597>

Sobral - CE

2024

Editora

**SER
TÃO
CULT**

10 anos



A EDUCAÇÃO
pela
PEDRA

Jericoacoara, memória e narração

José Osmar Fonteles

A EDUCAÇÃO PELA PEDRA: JERICOACOARA, MEMÓRIA E NARRAÇÃO

© 2024 copyright by José Osmar Fonteles

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora
SERTÃO CULT
10 anos

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaoicult.com.br
sertaoicult@gmail.com
www.editorasertaoicult.com.br

Cordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antônio Machado

Coordenação do Conselho Editorial
Antônio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial

Alexandre Jeronimo Correia Lima
Alicia Ferreira Gonçalves
Antonio Marcos de Sousa Silva
Cláudia Turra Magni
Clayton Mendonça Cunha Filho
Edilmara Kayt Silveira Fernandes
Francisco Hélio Monteiro Júnior
Joannes Paulus Silva Forte
Maria Elza Soares Silva
Otávio José Lemos Costa

Revisão

Danilo Ribeiro Barahuna

Diagramação

Rosilene Alves de Albuquerque

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

F682e Fonteles, José Osmar.

A educação pela pedra: Jericoacoara, memória e narração. / José Osmar Fonteles. - Sobral CE: Sertão Cult, 2024.

260p.

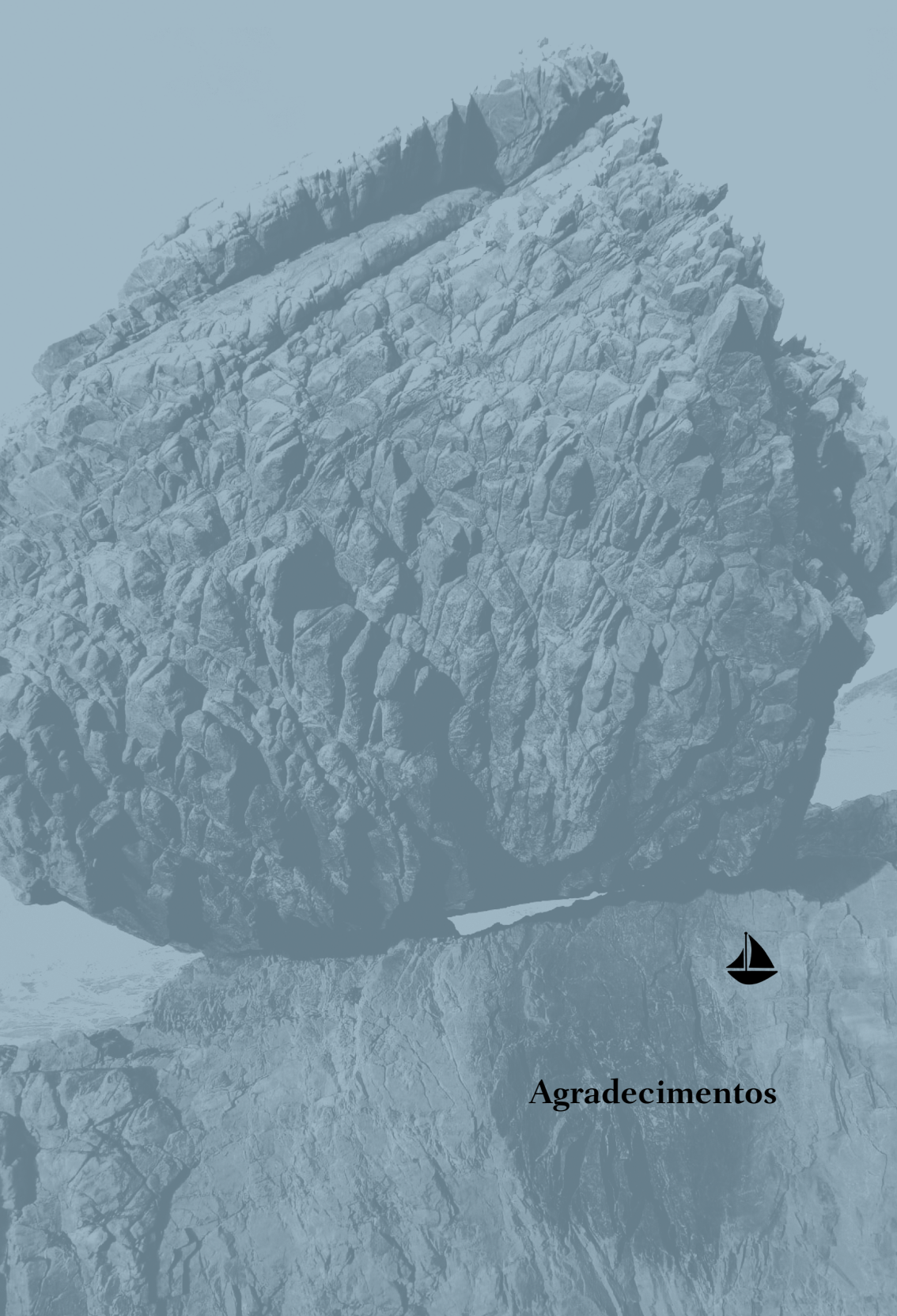
ISBN: 978-65-5421-166-6 - papel
ISBN: 978-65-5421-165-9 - E-book
Doi: 10.35260/54211659-2024

1. Jericoacoara,CE- Educação. 2. Educação. 3. Memória. I. Título.

CDD 371.3
981.31

*[...] E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina¹.*

¹ MELO NETO, J. C. Fragmento do poema Morte e Vida Severina. In: MELO NETO, J. C. **Melhores Poemas**. 10. ed. São Paulo: Global, 2010a, p. 168.



Agradecimentos



O rebento que explode por esta escritura compõe um dos cenários do espetáculo da minha vida. Um espetáculo real. Um espetáculo que não é fantasmagoria. Um cenário que talvez seja montado tardiamente, mas com todo o cuidado e atenção possível. Todas as personagens deste momento do espetáculo têm função de destaque. Não há coadjuvantes. Também não há meros expectadores. A construção é coletiva. E sei da importância de este estar juntos.

Acredito em um ser superior que me acolhe e me orienta nos diversos instantes da minha vida. A este ser a quem chamo de Deus, agradeço pela vida e pela coragem de enfrentá-la nas suas calmarias e tempestades. Vida que nasce a cada dia como teimosia de uma vida Severina.

Dentre as personagens deste cenário lembro com gratidão, respeito e reconhecimento:

Meus pais Geraldo Fonteles e Raimunda Teles. Navegaram por águas turvas, mares revoltos... com uma paciência e bravura de gente que vê nascer, crescer, florir e frutificar rebentos franzinos que explodem com o desejo de ser e viver... rebentos de uma vida Severina.

Minha esposa Pergentina. Companheira de todas as horas. Ajudou a construir a canoa para esta viagem. Teceu e armou velas comigo... Segurou no leme. Redirecionou a canoa em momentos de difíceis travessias... Quantas vezes os ventos teimaram em não ajudar... mas a paciência, a resistência, a resiliência... foram mais fortes. A nossa

cumplicidade misturou-se com as águas, com os ventos, com a terra, com o sol, com a lua, com as estrelas... e chegamos ao porto onde desembarcamos para uma pausa... A viagem, a nossa viagem, continua...

Meus filhos: Talvanes, Tales e Taisson; noras: Raquel, Erlândia e Larissa; netos: Tiago, Débora, Guilherme, Teo e André. Rebentos também de vidas Severinas. Vidas que driblam situações adversas e encontram trilhas para a sua viagem. Viagem que se inicia venturosa para alguns. Para outros, já há muitas curvas a serem feitas... Para todos, no entanto, há um longo percurso. Precisam encontrar o seu porto, o porto de cada um que tem um outro à espera, um outro que forma o coletivo, coletivo que dá sentido à vida.

Minha professora orientadora Dra. Denise Bussoletti. É mais que uma professora e orientadora. É uma pessoa com alma e coração de gente que acredita no outro. Segura na mão do outro. Percebe as tempestades... Rasga o céu, o mar e a terra ao ver sinais de portos de chegada. Constrói pontes, abre portas e janelas... sente a luz refletir e por ela conduz os tripulantes da navegação que dirige. Dirige com o outro. A bússola, as velas e a âncora são construídas em conjunto... Acredita em quem está com ela. Sabe que haverá portos de chegada. Chegada, breve descanso de retirantes em busca constante de outros destinos... Acolhe vidas Severinas que também buscam um lugar onde possam existir, reconhecer-se, resistir e lutar por um mundo melhor. Um mundo onde a diferença faça diferença.

Meus amigos Pe. Valdery da Rocha e Prof. Benedito Genésio. Desafiadores de enfrentamento das minhas viagens, quase sempre turbulentas, pelos caminhos da educação. Acreditaram e apostaram no leme da minha canoa... Confiaram que eu encontraria um porto para ancorar, descansar e continuar viajando...

Colegas do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS). Grupo que compreende o seu tempo e com ele se conecta. Brota e faz brotar vidas, muitas vidas Severinas. Por ele e com ele abri portas e janelas. Vi luz no fim do túnel. Algumas com forte clarão. Outras com iluminação mais discreta, mas sinalizando uma trilha... Nele senti acolhimento, alegria, medo e muita emoção.

Reitoria da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) na pessoa do Prof. Fabianno Cavalcante, que viabilizou a parceria UVA/UFPel e por extensão, os percursos desta viagem.

Professor Glaudemir e professora Rejane. Empenharam-se pela materialização desta experiência por meio do Doutorado Interinstitucional (DINTER). E não foram poucos os desafios. Acreditaram que a formação é um processo contínuo, individual, mas, sobretudo, coletivo.

Colegiado do Curso de Ciências Sociais da UVA que possibilitou parte do meu tempo para este processo educativo, em mais uma etapa da minha viagem de formação.

Professores e professoras que contribuíram efetivamente com a concretização do DINTER numa parceria entre a UVA e a Faculdade de Educação da UFPel.

Colegas do DINTER. Enfrentamos, juntos, situações desafiadoras, mas animadoras para o processo de formação. O negacionismo científico e o descaso com a educação brasileira, em todos os níveis, não tiraram a canoa da sua viagem. Aumentou o tempo da rota, houve mais curvas, mas chegamos ao porto imaginado.

Professores e professoras que estiveram na banca de qualificação e na defesa da tese doutoral que agora se transforma em livro: Dra. Angelita Ribeiro, Dr. Aparecido Celório, Dr. Elimar Nascimento, Dra. Madalena Klein, Dr. Marcos Paulo e. Dr. Pedrinho Guareschi. Perceberam sinais de turbulências na minha viagem doutoral. Sugeriram tripulantes para um diálogo de saberes acadêmicos e populares. Redirecionaram ventos. Armaram outras velas que poderiam ser necessárias em momentos de tempestades... Acreditaram na possibilidade de um ponto de chegada. Em um porto que havia sido imaginado por mim. Um porto que precisaria de outros para ser alcançado. Conseguimos...

Chico Marçal. Ouviu o canto da sereia. Uma sereia que se protege com os encantos¹ que estão no imaginário da população nativa de Jericoacoara nas suas diversas formas de representação.

1 Utilizo nesta escritura a palavra encante, ao invés de encanto, como forma de reconhecer a sua importância na linguagem e no imaginário dos moradores nativos de Jericoacoara.

Prof. João Ribeiro Paiva por revisar o texto com muito critério e competência. Compôs a tripulação da canoa que fez as travessias necessárias nesta viagem. Identificou luzes que iluminaram as curvas, muitas vezes fechadas para quem não as percebe e imagina uma Rota em linha reta, com um porto de chegada determinado.

Robério Monteiro. Ouviu o som das águas e das pedras de Jericoacoara. Acompanhou a chegada da tripulação do barco no porto desejado. Inseriu-se no processo de valorização das memórias e narrativas de vidas Severinas que teimam em resistir.

Moradores de Jericoacoara que são atores neste espetáculo e no espetáculo da vida, muitas vezes vítimas da fantasmagoria que transformou o Serrote em Jericoacoara: Amarildo Tremembé, Baíca, Belisco, Durval, Zé do Chico do Meste e Veio, além do Leandro Sousa e Reginaldo Vasconcelos, pela sensibilidade em fotografar a Pedra do Encante e a Gruta da Princesa, imagens potentes para os nativos¹.

1 O termo nativo é reivindicado pelos moradores originários de Jericoacoara, sendo relevante para a construção da sua identidade frente a si próprios e aos moradores que se incorporaram à comunidade, aos quais denomino de adventícios. Nesta tese, priorizo a utilização do termo, embora também utilize as palavras moradores originários.

Não teria chegado ao porto desejado nesta viagem,
sem os pescadores do Serrote, hoje Jericoacoara.

Têm o meu respeito e admiração.

Por eles e para eles arquitetei esta narrativa.

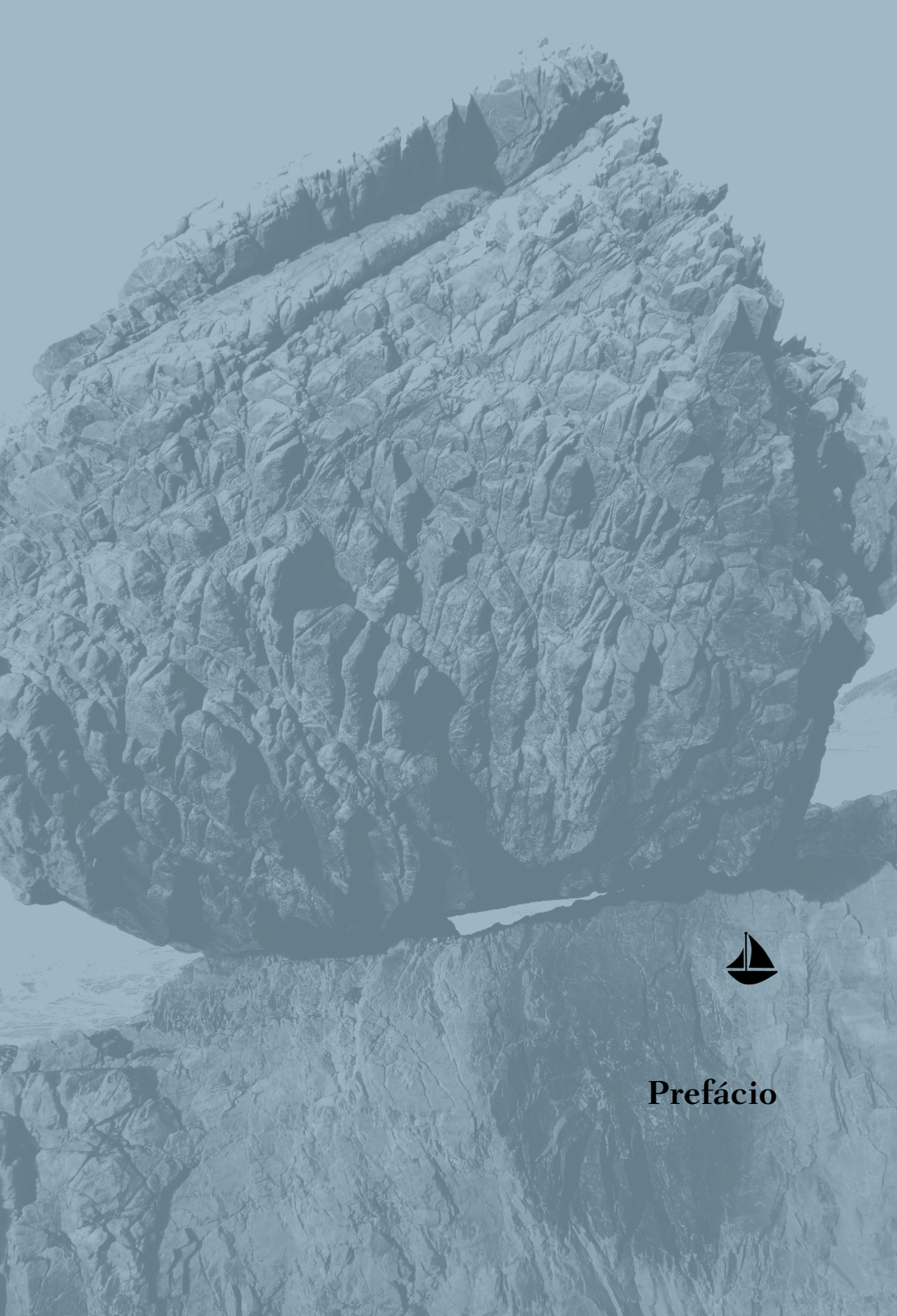
Uma narrativa que nasce como vida Severina.

Ao Mestre Pedrinho Guareschi

O nosso mais profundo agradecimento
por acolher e lapidar
tantas pedras
que entranhando nossa alma
renovam os sentidos
de uma Educação
que resiste e que faz fluir
em direção
aos mistérios da vida.

*José Osmar Fonteles
Denise Bussollett*

01/09/2023



Prefácio



A educação pela pedra: Jericoacoara, memória e narração

Confesso que não é tarefa fácil apresentar e prefaciá-lo o trabalho de uma pessoa que passa anos aprofundando e aprimorando um tema que selecionou, certamente após muito pensar, para apresentar a um público que ele escolheu como possível parceiro de reflexão. Multiplique esta tarefa algumas vezes mais e vai poder entender minha situação. E isso vai ficar muito claro quando os leitores forem adentrando essas precárias meditações.

A primeira surpresa já começa pelo título: “A Educação pela pedra...” Mas o que significaria isso? Duvido que algum dos leitores consiga decifrar o que o autor estaria pretendendo com tal titulação. Sugiro aos possíveis leitores que façam como eu: fiquem atentos para ver se ao terminar essa leitura conseguirão ver a pertinência de tal afirmativa.

Vou arriscar elaborar algumas reflexões, não digo para legitimar, mas para ajudar a vislumbrar as intenções, muitas vezes veladas, junto com os inevitáveis riscos que o autor se propôs correr. Vou me fixar em três tópicos que julgo, no meu entender, pertinentes e certamente valiosos. Correm à parte do texto, mas merecem ser realçados.

1. O primeiro é o que chamaria de a dimensão estética do texto

Quem se propuser deleitar-se com o que nosso autor vai desdobrando com seu escrito deve estar sempre atento a uma dimensão que nos acompanha, para além da dimensão aparente, formal. É o

que denominaria de dimensão estética. A estética é a dimensão do belo, do encantador, mas principalmente do novo, do criativo, que é o campo específico da arte. Logo de início ele previne o leitor a que esteja atento e curta, com o próprio autor, esse prazer. Copio parte do objetivo do trabalho: *A tese sustenta a ideia de que não existe apenas uma, mas muitas Rotas das Emoções, distintas e não polarizadas. E o que o caminho narrativo mostrou e procura sugerir é que por trás (ou ao lado) da forma, existe um fundo, ou ainda, que o desafio de contar uma outra história da Rota das Emoções permite compreender que, embora busquemos o particular de uma história, naquilo que a faz única, é, no entanto, na relação com o geral que nos aproximamos mais da Outra história pretendida.*

Ao ler o trabalho temos de prestar atenção às *possíveis relações* entre essas duas rotas. Forma estética vai além da *formal*, que já se mostra na própria *disposição* dos textos. Não é mistério que a forma estética dos textos é sempre sedutora. O *mistério* da fraseologia leva os leitores, de forma geral, a uma contemplação poética. Isso pode levar a dois resultados: buscar conteúdos mais profundos e valiosos, por um lado; e a dificultar uma compreensão que muitos desejariam mais direta, mais possível de identificação empírica, mas vai privá-lo do prazer da descoberta.

Quanto à disposição do texto, precisa muito mais esforço e capacidade de abertura para poder *entender esse novo criativo*. No presente caso, confesso que tive algumas dificuldades. Tive de recorrer, eu também, a *alternativas*. Minha sorte é que já conhecia muitos dos *textos* legitimadores empregados pelo autor, principalmente as intuições de Benjamin e os poemas de João Cabral de Melo Neto. Muitos analistas da Academia têm dificuldade em incorporar essa dimensão estética numa produção supostamente assumida nos trâmites formais da academia. Mas temos de abrir espaço a essa dimensão no momento que quisermos nos aproximar do risco que sempre existirá ao desejar partilhar, de um lado, nossos saberes e, de outro lado, o mundo dos saberes das pessoas com quem entramos em comunicação. Ultimamente não consigo mais, ao comentar qualquer texto, trazer à consideração a recomendação de Habermas, o filósofo da epistemologia¹. Logo no início de seu livro *Conhecimento e Interesses Humanos* ele escreve: “Se formos imaginar uma discussão filosófica da época moderna reconstruída

1 HABERMAS, J. **Erkenntnis und Interesse**. Frankfurt: Surkamp Verlag, 1968, p. 3.

como um julgamento em tribunais, ele trataria de decidir uma única questão: *como é possível um conhecimento seguro*". Sem essa abertura, não poderemos usufruir de qualquer produção intelectual. E esse dilema sempre perdura.

2. O segundo tópico é o desafio escondido na dimensão misteriosa da *história*

Mais um ponto provocativo, mas que merece, enquanto possível, ser iluminado. Tive um sentimento de grande satisfação ao ler as discussões. O autor escreve sugerindo o que chega a chamar de *questão de pesquisa*: *Como contar as histórias dos moradores nativos de Jericoacoara sobre a sua vida e sobre a Rota das Emoções?* A razão dessa satisfação é o fato de ter-me envolvido, a partir do retiro, em parte imposto pela pandemia, em reflexões sobre o tema da memória histórica. Tentei colocar isso, em parte, num livro em que tento analisar a importância desse tema². Encontrei forte legitimação para tal empreendimento no filme *Coco* (*Viva - a Vida é uma festa*, na versão brasileira, vencedor da Palma de Ouro de 2017 do Festival de Cannes), cuja tese central, arrisco afirmar, é a fala de um dos personagens de que *alguém morre no momento em que é esquecido*.

Percebo que se orientam nessa direção as reflexões de Benjamin, pensador trazido pelo autor do livro em questão, que recolhi de comentários do próprio Benjamin e que parafraseio aqui. O que se chama comumente de *presente* ou *futuro*, nada mais seriam que *modos de ser* do mesmo fenômeno; não do *tempo* absoluto (Hegel), ou transcendental (Kant), mas da *passagem*, a *eterna e total transitoriedade*, como nos diz Benjamin, dos estados gerais da realidade, que se conecta fenomenologicamente e imediatamente ao conceito de *passado*. No passado, não no futuro, ou no presente, residiriam as características da *temporalidade do tempo*, de suas potências transitivas mais básicas: a profundidade da existência; o inacabamento dos sentidos; a abertura própria da liberdade, a *imperfectibilidade* humana.

2 GUARESCHI, Pedrinho. **Uma História Contada com Histórias**. Porto Alegre: Evangraf, 2022.

Se pensarmos com cuidado, vamos constatar que a própria *esperança*, temática persistente na obra de Benjamin, diferentemente do que sua concepção vulgar poderia pressupor, encontra-se, de acordo com suas teses, em relação imediata com o passado, não com o futuro. Então, da mesma maneira como a alegoria do *anjo da história* determina, da perspectiva metafísica própria a essa imagem, é o passado, sempre à *frente* da existência, que ocupa o *lugar do tempo* tradicionalmente reservado ao conceito de futuro, pois, concretamente, não haveria futuro de fato; ou melhor, não há futuro *necessariamente causado* pela continuidade temporal, de um ponto de vista existencial; não há futuro de uma perspectiva metafísica, mas somente epistemológica, como conhecimento invariavelmente prévio acerca de alguma probabilidade de repetição já antes experimentada. Em outras palavras, de um ponto de vista ontológico e concreto, há somente passados *diante* do fenômeno do tempo, ou do *anjo da história*. Dessa constatação, Benjamim retira seu argumento sobre a natureza do tempo, cuja base material é a passagem, a transitoriedade, a característica elementar do passado. E chegamos ao que nos interessa agora: acerca disso, Benjamim afirma, já em 1932, que se trata aqui do que talvez seja a coisa mais importante em nós: *a memória histórica*.

Num comentário ele afirma que “nosso povo tem uma memória frouxa ... o que se possui, sempre se perde outra vez”. Isso pode ser um perigoso equívoco. Quem se esquece de séculos de experiência, nunca adquire uma verdadeira autoconsciência fundada na consciência presente das experiências históricas, seus reflexos, seu controle sem fim. Não convêm, em um mundo que a cada dia fica mais velho, brincar como a eterna criança que, a cada manhã legada pelo senhor Deus, deseja iniciar tudo de novo¹.

Vão nessa direção os comentários do novelista italiano Giovannino Guareschi que serviam de motivação ao meu trabalho de pesquisa histórica que mencionei acima:

1 BENJAMIN, W., TIEDEMANN, R., SCWEPPEHAUSER, H. *Gesammelte Schriften*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991. (GS IV.2, 819).

E se o futuro da árvore e seu crescimento para o alto estão sobre a terra, as raízes estão embaixo da terra. E isto significa que o futuro é alimentado pelo passado. Ai dos que não cultivam a memória do passado: são pessoas que semeiam não sobre a terra, mas sobre o cimento².

Em seu fluxo narrativo nosso autor registra aqui distâncias reproduzidas na articulação entre os fragmentos da Vila de Jericoacoara através da memória do pesquisador, de outros fragmentos recolhidos através das entrevistas com os moradores, como também, em fragmentos de outras cidades, como as de Calvino, Benjamin, João Cabral de Melo Neto, Marilene Felinto, entre outros.

3. Terceiro tópico: a dimensão educativa

Não poderia deixar de trazer alguns apontamentos sobre a questão da educação, pois não deixa de ser o tema central da investigação do autor. Comento alguns pontos dessa dimensão tão complexa, contraditória, mas ao mesmo tempo inevitável. O próprio título soa como uma afirmação. Mas à medida que se caminha, as contradições vão se manifestando. Nosso educador arrisca trazer inúmeros desafios e preciosas contribuições. Se no segundo ponto o inspirador preferido do autor é Benjamin, nesse da educação é João Cabral de Melo Neto, onde o pesquisador vai confrontar e legitimar grande parte de suas intuições. E, o que me trouxe grande prazer, a partir duma gostosa e confortadora iluminação estética. Vejo que ambos caminham bem próximos, geográfica e artisticamente.

O autor inicia comentando que se há resistência aos novos modos de vida, há também uma parcela da população da antiga Jericoacoara que se rende ao espetáculo que o turista quer ver. Reivindica o seu lugar na nova realidade. Sente orgulho de morar em um lugar que é referência em turismo de sol e praia. Reflete o autor: será que o morador se dá conta que o seu lugar está sendo espetacularizado? Será

2 GUARESCHI, Giovannino. In: SAPORETTI. “**Le leggi della Mesopotamia**” (Tradução dos textos originais). Firenze: Casa Editrice Le Lettere, 1984.

que chega a perceber que apenas habitar no seu lugar, que agora não é mais só o seu lugar, o faz sujeito do processo de gestão do seu *Destino Turístico*? E antecipa sua crítica inspirado em Debord¹: “O sujeito da história só pode ser o ser vivo produzindo a si mesmo, tornando-se mestre e possuidor de seu mundo que é a história, e existindo como consciência de seu jogo”.

Mas é um segundo ponto que contribui de maneira altamente positiva, enquanto posso entrever, para o objetivo educativo que perpassa todo o escrito do autor. Lembra uma preocupação já sugerida por Michel Löwy de que a Jericoacoara antiga, como cenário e palco para o espetáculo, corra o risco de ter o seu patrimônio e a sua gente transformada em *coisa*. É a 4ª. *Lição da Pedra*, que comento adiante. De maneira criativa e pertinente o autor pinta seus comentários a partir do poema de João Cabral de Melo Neto², que serve de inspiração inclusive para o título de sua tese. Não resisto à tentação de repeti-la aqui:

Educação pala Pedra
Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.
Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.

Aqui a emoção da estética se soma à Rota das Emoções. Deixo o leitor gozar esse prazer. Mas correndo o risco de sombrear essa beleza

1 DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 50.

2 MELO NETO, J.C. **A Educação pela Pedra e Outros Poemas**. RJ: Objetiva, 2008, p. 207.

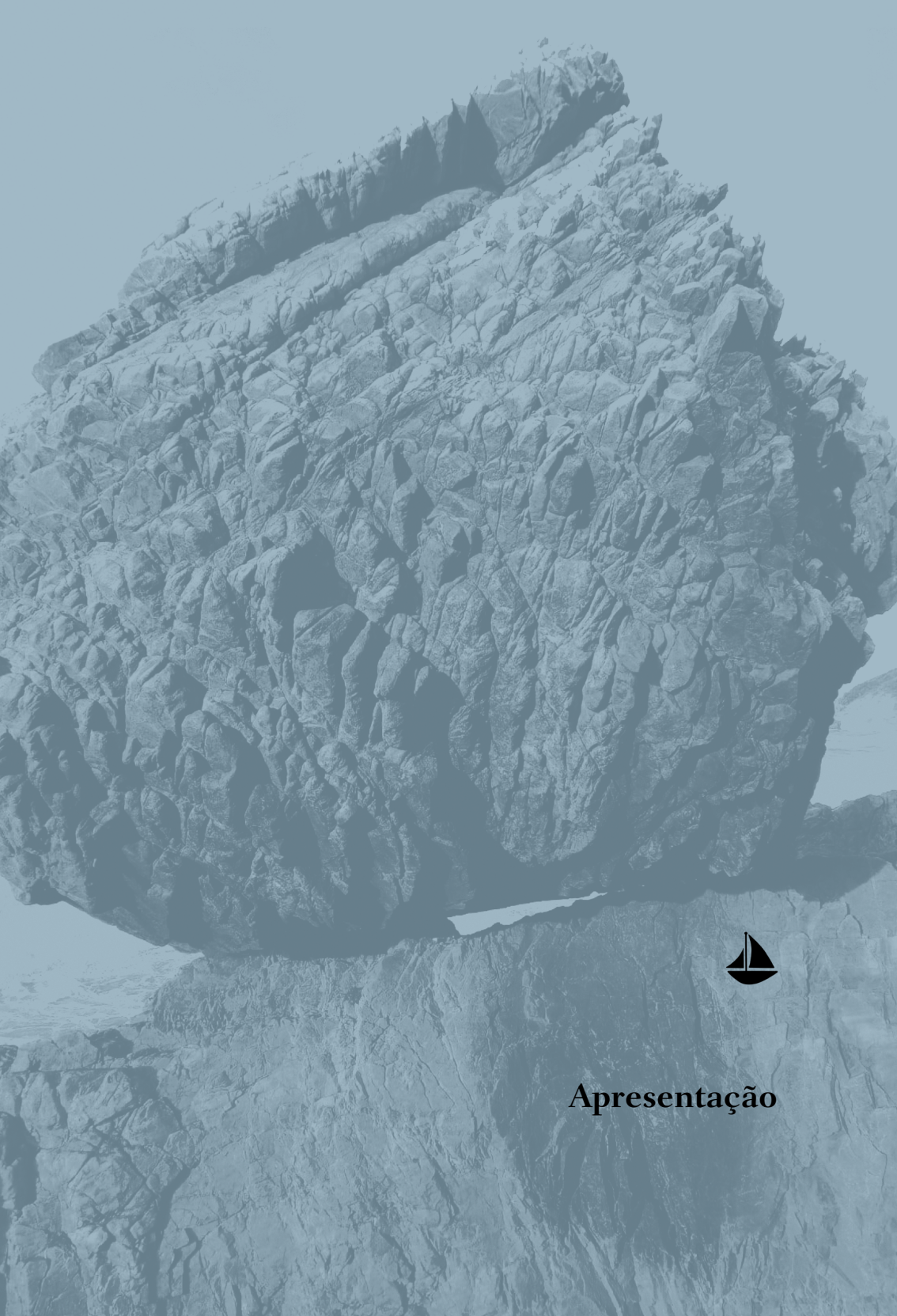
vou apenas chamar a atenção da convergência entre três pensadores/poetas/críticos que chegam à mesma conclusão: Löwy que, como acenei acima, ao falar de Jericoacoara, receia que todas essas emoções se transformem em *coisa*; ao alerta de Melo Neto que para além *da poética, sua carnadura concreta*, venha sobrepor-se a *de economia, seu adensar-se compacta*; e finalmente tomo a liberdade de somar a eles um outro poeta crítico, Vinicius de Moraes que, com sua maravilhosa didática poética, leva o *Operário em Construção* a dar-se conta de que *tudo, tudo o que existia, era ele quem o fazia, ele um humilde operário, um operário em construção*.

No fundo de sua arte e de sua poesia, a *população nativa sabe disso*, como conclui Osmar depois de ouvir com o coração a fala de uma de suas parceiras entrevistadas.

É na convergência desses três fluxos didático-poéticos que nosso autor se situa. Quem seguir adiante nessa leitura poderá conferir.

Pedrinho A. Guareschi

20 de julho de 2024.



Apresentação



Na trilha da formação, sempre ponto de partida!

A obra **A educação pela pedra: Jericoacoara, memória e narração** é fruto do doutoramento de seu autor, o professor José Osmar Fonteles. Dentre as mais diversas e significativas experiências no processo de formação continuada, vivenciadas ao longo do Curso de Doutorado em Educação, promovido pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel, no formato de Dinter, tendo sido a Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Osmar compartilha conosco a presente obra.

Para conhecimento dos leitores e das leitoras, ao saber da parceria entre a UVA e a UFPel sobre a oferta do doutorado em Educação, na modalidade Dinter, Osmar prontamente se engajou no grupo que pretendia cursar o referido programa de qualificação docente. O programa teve início em 2018 com uma turma na UVA. Ao longo dos anos, com atividades em Sobral, a presença de professores/as da UFPel na UVA e a participação de nossos professores cursistas, foram momentos gratificantes não apenas de formação, aulas, atividades, trabalhos, etc., mas de construção de laços sólidos de cumplicidade, amizade, foram experiências únicas. Esse processo de qualificação indutiva de docentes foi essencial para a UVA e, de modo especial, para cada participante. Desde já externo nossos agradecimentos a todos e todas que acreditaram na ideia do Dinter de Educação UVA-UFPel, aos colegas da UVA, que se engajaram, a Rejane Gomes, que coordenou localmente o programa e foi uma excelente articuladora. Tivemos excelentes resultados no final do processo formativo com muitos colegas concluindo o curso e o

Osmar foi um deles, considerando esse momento uma etapa essencial de sua jornada. Em nome da UVA, agradeço novamente por acreditarem na ideia, pelo engajamento e pelo caminho percorrido até aqui.

Agora, somos agraciados pela obra de autoria de José Osmar Fonteles, que tive o prazer de conhecê-lo nesses anos de trabalho na UVA, seja quando éramos diretores de centro, seja nos momentos em comissões, reuniões, eventos e, de forma especial, ao longo do Dinter em Educação. E quero agradecê-lo pela oportunidade de manifestar aqui, mesmo que de forma muito resumida, algumas palavras sobre o Dinter em Educação e sua obra.

A educação pela pedra: Jericoacoara, memória e narração já traz a bela imagem que atrai muitos turistas ao nosso estado do Ceará, que encanta por sua beleza magistral e permite um olhar ao infinito. A obra, porém, alarga nosso conhecimento e compreensão, quando narra as histórias de moradores nativos de Jericoacoara. E mais, a narrativa presente na obra apresenta a relação desses sujeitos, muitas vezes esquecidos, com a chamada Rota das Emoções, que perpassa um roteiro integrado de turismo entre unidades federais de conservação nos estados do Ceará, Piauí e Maranhão.

O gênero narrativo é capaz de captar nuances, momentos e situações que talvez outros gêneros não permitam. O trabalho de conclusão de curso aqui foi superado em sua dimensão, digamos, burocrática, trabalho apenas de pesquisa documental, na escrita solitária. Na verdade, ilustra momentos de imersão, cujo roteiro traz a vivacidade dos caminhos percorridos, alterados ao longo das vivências dos autores – aqui os moradores nativos que contribuíram com a rota traçada pelo autor da referida obra. Muitas descobertas narradas, que não foram e não poderiam ser pré-definidas em um roteiro. Por isso, compreendi, ao ler o livro, que a expressão roteiro (ou rota como queiram e o autor me permitir) é a expressão de um ponto de partida, caminho inicial de uma jornada em constante mutação, nunca posta em definitivo *a priori*. Entretanto, não perdeu de vista seu propósito, levar ao público histórias narradas por pessoas simples que contribuem para a conservação e desbravamento tão necessários para a região. O autor aventureiro nunca esteve à deriva!!

Com essa obra, José Osmar Fonteles entrega à comunidade em geral mais que uma tese de doutoramento, ou um trabalho de natureza científica que, por si, são essenciais ao conhecimento. Narra, como ele próprio afirma, “[...] histórias que ouvi e ouço, aproximamente da realidade atual com outros momentos vividos naquele território. Desejo ouvir, apreender e narrar experiências em um texto etnográfico”. Contudo, não poderia deixar tudo dito nesta obra/rota. Narrou muitas histórias, dentre tantas ainda não narradas, contadas como diz muitas vezes.

Ao José Osmar Fonteles, meu amigo, meus sinceros agradecimentos por ter acreditado na ideia do Dinter em Educação, desde a primeira hora, e agora nos presenteia com essa belíssima obra.

Aos/as amigos/as professores/as da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, nossa gratidão pela parceria e amizade.

À Gestão Superior da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, fica nosso registro pelo apoio institucional na construção da parceria e oferta do curso de qualificação de nossos professores.

Por fim, aos leitores e às leitoras em geral, boa leitura e reflexão.

Antonio Glaudenir Brasil Maia



Por uma educação da pedra

A educação pela pedra é uma viagem que possui um roteiro (quase) invisível. É uma educação que viaja pela geografia de seu autor, José Osmar Fonteles, e de seu motivo: narrar a história dos moradores nativos de Jericoacoara, ou particularmente da Vila de Jericoacoara, situada no estado do Ceará, nordeste brasileiro. Uma viagem feita à deriva, subvertendo as orientações prometidas pela Rota das Emoções enquanto programa turístico, e apontando os sentidos para os moradores nativos, seus saberes e sua magia.

Subvertendo perspectivas, o autor aproxima tempos e espaços distintos, fazendo da literatura um instrumento precioso para tentar encontrar algo de que o discurso acadêmico anda muito carente: palavras vivas, de significação e impacto profundos. José Osmar fez da escrita deste trabalho uma mostra de fôlego diante de tamanho desafio, navegando desde as águas turvas das cidades invisíveis de Ítalo Calvino até as vidas explodidas, vidas Severinas de João Cabral de Melo Neto.

Nesta obra, José Osmar navega como o faz em seu dia a dia, entre as pessoas, como professor, pesquisador, militante, companheiro, pai, amigo. Navega pela sua performance sensível, cuidadosa, amorosa, questionadora e interessada em compartilhar a consciência da importância de cada pessoa e de cada história na construção de um outro mundo — um mundo mais justo, mais solidário e mais próximo das verdades que são essenciais à vida.

E, navegando, José Osmar nos revela não só a beleza e a amplitude de sua viagem, mas também que navegar, como já disse o poeta, é preciso. Precisão surrealizada pela forma, e nisto quanta maestria em apontar para a métrica dos mapas pelas cidades de Calvino, uma métrica reinventada que nos conduz não somente a tantas outras cidades, cidades com nomes de mulheres, mas nos leva principalmente à força da linguagem em reinterpretar o mundo e reconfigurar a lógica devastadora e dominante dos poderes coloniais, transformando-os em forças criativas em permanente processo de resistência, que pela leitura insistem: “Olhe bem... isso que parece não é o todo visível...”

Neste livro, o leitor é convidado a embarcar numa viagem onde o conhecimento é construído não apenas pela razão instrumental, mas pela entrega ao imprevisto, ao território e ao encontro com o Outro.

Inspirado pela célebre frase de Marcel Réja, “Viajo para conhecer minha geografia”, citada por Walter Benjamin, o autor convida-nos não somente a uma aventura intelectual, mas a uma aventura onde o sonho, a magia, a poesia e o novo são forças estéticas e políticas que orientam e desafiam para outras formas de reinterpretar o mundo.

A Rota das Emoções, que abrange as Unidades de Conservação Federais — o Parque Nacional de Jericoacoara (CE), a Área de Proteção Ambiental do Delta do Parnaíba (PI) e o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (MA) —, é aqui reinventada não apenas como uma rota geográfica, mas como um caminho de descobertas, onde a palavra “emoção” explode em sentidos múltiplos. Não mais o sentido de uma promessa capitalizada por um programa turístico, mas para os sentidos onde os saberes populares ancoram sua força narrativa, e que faz com que a palavra, oral, e não escrita, permaneça próxima e conectada com as falas de quem as produz e, portanto, com os que possuem o poder e a capacidade de transformação das suas vivências em história, sem fim.

Pelas histórias que os moradores nativos contam, eles são os protagonistas de um itinerário conduzido pela força e pela necessidade de criação e de transformação do mais árduo cotidiano em poesia, em música, em lição, em educação.

A narrativa, portanto, desafia o leitor a repensar, desde as primeiras linhas, os nossos saberes acadêmicos, revirando propositadamente conceitos, como os de viagem e de conhecimento. Em vez de seguir um trajeto linear e pré-determinado, o autor propõe uma deriva, um percurso que se abre ao inesperado, àquilo que foge às trilhas da Razão Instrumental.

José Osmar, em profunda conexão com as histórias que fazem parte da sua memória, e das dos seus, reconhece, no entanto, que para embarcar nessa viagem, como narrador, autor, é necessário que ele reconheça a viagem como aventura. Foi buscar nas suas lembranças de menino a energia propulsora, capaz de manter presente o fio narrativo, presente desde os seus primeiros momentos de reconhecimento do lugar e do seu, desde então, pertencimento. Por óbvio, que o autor sabia também reconhecer que uma verdadeira aventura não é apenas aquela que acontece ao acaso, mas aquela que se faz acontecer, que se cria no movimento, na interação com os tempos e espaços em que as celebrações da memória se fazem instrumentos investigativos e de vida.

Uma verdadeira Odisseia nordestina é apresentada como alternativa ao leitor, um antídoto subversivo contra as formas de narrar colonialistas. Enfrentando os perigos dos emaranhados dos discursos oficiais e das políticas públicas, das promessas de paraíso na terra vendidas pelo turismo predatório capitalista, José Osmar, o Odisseu cearense, descobre que a Rota das Emoções, prometida pelo turismo, é na verdade um outro lugar, que não os estampados pela beleza fácil dos cartões postais e das fotografias “instagramáveis” e repetidas de uma natureza, que sem dúvida é linda. Mas como beleza e verdade, para José Osmar, andam juntas, em que pese a referência geográfica ser a mesma, o autor não nega a beleza fácil, mas se envolve e nos envolve no desafio da verdadeira viagem, da mais aventureira, pela Jericoacoara, dos nativos.

Para percorrer este caminho, no entanto, é necessário ao viajante se colocar ao lado, de quem faz essa história, escutando seus segredos mais íntimos, orientados pelo fluxo das marés e dos ventos, mas principalmente pela importância de saber reconhecer que mesmo na referência dos elementos com aparência de maior estabilidade, como as pedras, se esconde, ou se protege, o encanto, esse sim, o

maior segredo de resistência, que a narrativa dos moradores ensina. Só quem escuta essas histórias é capaz de compreender, desde as mais simples decisões, como o melhor momento de se fazer uma travessia, até as mais complexas, como a de que a pesca, pode esperar mais um dia, pois a natureza tem também seus tempos e fluxos.

Essas histórias, (quase) invisíveis, emergem das entranhas de um lugar vivido, que é muito distante dos lugares vendidos, e por mais paradoxal que pareça, o autor demonstra, que o mais próximo, nem sempre é o mais fácil de ser visto, compreendido, aceito e valorizado, inclusive. Essa outra Rota das Emoções revelada, não menos real, desafia as interpretações hegemônicas e nos convida a repensar o que significa “conhecer” um lugar, uma cultura, um povo, ou uma geografia.

Em passagens como a que descreve a lenda da Princesa Encantada de Jericoacoara — uma história que fala de uma princesa presa em uma gruta, vigiada para que ninguém possa entrar e desencantá-la, com uma entrada que só se abrirá com um sacrifício humano — o autor não apenas reproduz as memórias e as histórias locais, mas também nos mostra como essas narrativas, estando presentes nas falas e nas vivências cotidianas dos moradores, são histórias que demonstram forma de resistência profunda.

Histórias contadas por moradores como o Sr. Carvalho, que vê a princesa como o verdadeiro “encante” de Jericoacoara, ou o Sr. Honório, que relata a grandeza e o mistério da gruta, são também pedras angulares que nos guiam para além dos estereótipos e das simplificações, ou dos códigos acadêmicos que encarceram saberes em categorias.

A transformação desta tese em livro é, portanto, mais uma forma de dar continuidade a essas histórias, de perpetuar as narrativas e de manter viva a memória e as experiências dos moradores de Jericoacoara. Ao fazer isso, o autor não apenas amplia o alcance de sua pesquisa, mas também reafirma o compromisso de fazer ecoar os saberes daqueles que fazem parte desse lugar, fazendo de suas histórias um caminho para outras tantas histórias, silenciadas, apagadas, ou esquecidas.

A leitura deste livro se encontra, portanto, com o sentido que a tese originalmente apontava: a defesa de uma “educação pela pedra” como

uma alegoria para a necessidade de pensarmos a educação mais próxima daquilo que Nego Bispo defende como sendo os saberes contracoloniais e orgânicos. Trata-se dos saberes populares, integrados com a natureza, dos quais a modernidade capitalista, assim como a universidade e a escola, tem se afastado ao invés de incorporá-los como parte fundamental do sentido da viagem — uma viagem tanto pelo conhecimento quanto pela vida.

Este livro, ao propor uma reflexão sobre esses caminhos, nos convida, não so a repensar, mas principalmente a sentir a educação como um espaço de resistência e de construção de mundos mais justos e solidários, onde os saberes de um povo são as pedras que sustentam os nossos sonhos e as nossas mais belas utopias.

Por uma educação da pedra, pela Jericoacoara dos moradores nativos, portanto, seguimos...

E se alguém, neste momento da leitura pensar que José Osmar esqueceu da música, engano puro, pois é nada mais, nada menos, que Belchior o autor da trilha sonora, que confere maior beleza, ainda, a harmonia narrativa. E, é por Belchior, e pela educação da pedra que em canção também seguimos, pontuando, em refrão: *Se na divina comédia humana a minha alucinação é suportar o dia-a-dia...eu não estou interessado em nenhuma teoria...amar e mudar as coisas me interessa muito mais...*

*Denise Bussoletti
Num dia frio de inverno
ao sul do sul do Brasil.*



Roteiro da Viagem

Prefácio/15

A educação pela pedra: Jericoacoara, memória e narração/17

Pedrinho A. Guareschi

Apresentação/ 25

Na trilha da formação, sempre ponto de partida!/27

Antônio Glaudenir Brasil Maia

Por uma educação da pedra/31

Denise Bussoletti

TRECHO 1

Era uma vez: uma viagem e um roteiro (quase) invisível/39

Por uma Outra História /41

A viagem como caminho narrativo: a montagem/45

As imagens como portas/49

A música como lugar /51

A poesia como simpatia/55

Fontes e a arquitetura narrativa /57

Nota de edição/61

TRECHO 2

**Era uma Outra Vez...Um pouco mais
acerca do traçado e das rotas narrativas/ 63**

TRECHO 3

As cidades invisíveis e Jericoacoara/83

1.../89

As cidades e a memória 1/101

As cidades e a memória 2/105

As cidades sutis 1/109

As cidades e a memória 3/119

As cidades sutis 2/123

As cidades e os encontros 1/127

As cidades sutis 3/131

As cidades e os encontros 2/137

As cidades ocultas 1/145

As cidades e os encontros 3/161

As cidades ocultas 2/175

As cidades ocultas 3/183

TRECHO 4

A Rota: das Emoções?/189

Uma Rota que é um espetáculo/195

Uma Rota com nome de emoção. Será?/211

TRECHO FINAL

Por uma educação pela pedra/229

A primeira lição pela pedra/235

Outra lição pela pedra /239

Lição 1: A dicção da Memória/243

Lição 2: A sutileza da Moral/245

Lição 3: A Poética dos Encontros/247

Lição 4: A da Economia Oculta/249

Referências/251



Trecho 1

**Era uma vez: uma
viagem e um roteiro
(quase) invisível**



Por uma Outra História

*Viajo para conhecer minha geografia*¹, diz Marcel Réja em “Anotação de um louco”, citado por Walter Benjamin. E se inclino a letra, faço a referência no rodapé da página e cito sem aspas é pela necessidade de alertar ao leitor que esta escrita buscará ser experimentada como uma reconhecida viagem e como um elemento indissociável do fazer narrativo.

Uma viagem que tem como objetivo inicial narrar a história dos moradores nativos de Jericoacoara e a sua relação com a Rota das Emoções, especialmente sobre a Vila de Jericoacoara, no estado do Ceará, situado no nordeste brasileiro.

Uma viagem provocada por um, entre os muitos caminhos possíveis por e entre, uma rota, a Rota das Emoções, que é como se intitula um roteiro integrado do turismo que compreende as Unidades de Conservação Federais: Parque Nacional de Jericoacoara-CE, Área de Proteção Ambiental do Delta do Parnaíba-PI e Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses-MA².

1 BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo horizonte; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 48.

2 Insere-se no programa do Governo Federal, criado em 2005. O seu objetivo principal é *promover de forma integrada o desenvolvimento sustentável dos 77 municípios da região do Plano, que valorize o patrimônio natural e sociocultural e viabilize atividades econômicas inclusivas, dinâmicas e inovadoras, para a elevação da qualidade de vida da população*. Deveria possibilitar a melhoria no Índice de Desenvolvimento Humano - IDH na região, identificado como o mais baixo nacionalmente, nos primeiros anos da década passada. BRASIL. **Plano de Desenvolvimento Sustentável da Região Turística do Meio-Norte**. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2009, p. 73.

Uma viagem à deriva, realizada como um passeio fora das trilhas da Razão Instrumental, orientada inicialmente pela Rota das Emoções. No entanto, a cada passo dado, a viagem vai se transformando, revelando aos poucos uma nova rota. Hoje, posso afirmar que o caminho percorrido se revela uma descoberta surpreendente, trazendo à tona uma rota totalmente diferente da planejada, permitindo-me explorar além dos limites preestabelecidos, um maior mergulho nas emoções e na imprevisibilidade da jornada. Cada movimento, por menor que seja, contribui para a construção dessa nova trajetória, revelando facetas desconhecidas e desafiadoras. Em retrospecto, percebo que o significado da viagem ultrapassa suas expectativas iniciais, enriquecendo-me com aprendizados inestimáveis e encontros inesperados. A incerteza do percurso é transformada em uma oportunidade de crescimento e autoconhecimento. Proporciona uma experiência única e genuína.

A entrega à deriva experimentada é, neste sentido, ousada, aventureira, instigante e desafiadora. *As pessoas que mergulham nesta aventura renunciam, por um período mais longo ou menos longo, às razões para se deslocar e agir que elas conhecem geralmente [...] para se deixarem levar pelas solicitações do terreno ou dos encontros que a ele correspondem*¹.

A ideia de ser um aventureiro está presente desde o começo desta viagem. Algo como o deixar e o fazer acontecer o que sempre quis desde que conheço o Serrote² e me envolvo com ele, hoje Jericoacoara. *O aventureiro é aquele que faz acontecerem as aventuras, mais do que aquele para quem as aventuras acontecem*³.

Uma aventura que procurou e procura resguardar o objetivo acadêmico e a compreensão de que, em que pese os fascínios da viagem, é necessário partir, fazer um percurso e chegar ao horizonte desejado⁴. Para isto compreendo, por meio de Benjamin, que *achar palavras para aquilo que se tem diante dos olhos – quão difícil pode ser isso! Porém,*

1 DEBORD, G. *Théorie de la Derive*. **Les Lèvres Nues**, n. 9, 1956.

2 O nome Serrote, com a inicial maiúscula é registrado nesta escritura para designar Jericoacoara antes do turismo. Quando o registro for feito com a inicial minúscula refere-se à elevação rochosa. É neste serrote que está o encanto de Jericoacoara.

3 INTERNATIONALE LETTRISTE. *Le Bruit de la Fureu*. **Potlatch**, n. 6, 1954.

4 ROAUNET, S. P. **A Razão Nômade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993

*quando elas chegam, batem contra o real com pequenos martelinhos até que, como de uma chapa de cobre, dele tenham extraído a imagem*⁵.

Palavras tão difíceis como o percurso que a questão que me segue nesta viagem aponta: **Como contar as histórias dos moradores nativos de Jericoacoara sobre a sua vida e sobre a Rota das Emoções?**

Esta questão é guiada pela desconfiança inicial (que para alguns é chamada de hipótese) de que existe uma diferença significativa entre as narrativas instituídas pelo poder público e pela iniciativa privada e a dos moradores nativos da região, especificamente de Jericoacoara, sobre o que é a Rota das Emoções e qual o seu verdadeiro papel na vida e na experiência desses moradores. Uma desconfiança que embasa a convicção de que a diferença na significação atribuída à Rota das Emoções pelos moradores nativos não está relacionada diretamente ao turismo. É de outra ordem. Mas como uma questão leva a outra, continuo questionando: que ordem é esta?

A procura, os encontros e os desencontros vão, aos poucos, revelando o que espero que o conjunto deste trabalho possa demonstrar, ou seja, a tese⁶ **de que não existe apenas uma, mas muitas Rotas das Emoções, distintas e não polarizadas. O que o caminho narrativo mostra e procura sugerir é que por trás (ou ao lado) da forma, existe um fundo, ou ainda, que o desafio de contar uma outra história da Rota das Emoções, permite compreender que, embora busquemos o particular de uma história, naquilo que a faz única, é na relação com o geral que nos aproximamos mais da Outra história pretendida.**

No entanto a escritura, como fio narrativo desta história, só é possível de ser vislumbrada, quando o texto se abre também para a possibilidade de identificação de que, embora existam muitas versões, falamos todos de Rotas, mundos, cidades que o caminho literário permite atravessar e aproximar. Distâncias que o fluxo narrativo busca reproduzir por meio da articulação entre os fragmentos da cidade de Jericoacoara

5 BENJAMIN, W. **Rua de Mão Única**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 203.

6 Este livro é fruto de uma tese doutoral, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas – RS.

na memória do pesquisador, bem como fragmentos recolhidos em entrevistas com os moradores, e em outras cidades, entre elas, a de Calvino, a de Benjamin, a de João Cabral de Melo Neto e a de Marilene Felinto.

Enfim, o que o caminho narrativo por este percurso e em síntese busca sugerir é o apelo pela necessidade de encontrar e contar uma outra história da Rota das Emoções, nesta grande viagem de que a Educação é parte. Uma história, cuja experiência narrativa permita uma reconexão entre as diferentes histórias e a consciência de nós mesmos, das nossas cidades interiores, como lugares de luta e de resistência contra a barbárie e contra o aniquilamento da memória e de seus sujeitos, como protagonistas de suas emoções e de suas próprias Rotas, invisíveis, porém não menos reais e realizáveis.

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Este livro foi composto na fonte Fairfield LT Std, impresso no formato 15x22cm em papel offset 75g/m², com 260 páginas e em e-book formato pdf.

Setembro de 2024

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com.br

Editora

**SER
TÃO
CULT**



Contar bem uma história é uma arte. Exige talento para prender a atenção do leitor/ouvinte/espectador e permite que ele viaje pelos cenários descritos, se emocione e se desenvolva junto com os personagens. Algo que, na falta de uma palavra melhor, é mágico e encantador. E é exatamente essa magia e esse encanto que o texto do Dr. Osmar Fonteles nos apresenta ao narrar a história de vida dos moradores nativos de Jericoacoara e a sua relação com a chamada Rota das Emoções, que perpassa um roteiro integrado de turismo entre unidades federais de conservação nos estados do Ceará, Piauí e Maranhão. O autor nos guia por um roteiro de descobertas, um caminho de aprendizados que mostra possibilidades de nos reconstruirmos a partir do outro. E a busca pela reconstrução é sentida em cada frase que transcende a objetividade do texto acadêmico e se transforma numa inspirada literatura.

